

PELAS FRESTAS LITERÁRIAS: A IDENTIDADE HISTÓRICO-CULTURAL DA AMÉRICA LUSO-ESPANHOLA E DA ÁFRICA

Maria Célia Barbosa Reis da Silva*

*Nada é fácil. Precisa saber olhar. Não tem nenhuma resposta pronta.
Ana Maria Machado*

RESUMO

Uma leitura da América luso-espanhola e da África sob a ótica do nativo. O texto *De olhos nas penas*, de Ana Maria Machado, conduz a viagem às três regiões pelas quais Miguel, passageiro onírico da narrativa, passa em busca de sua identidade — quer acompanhando a longa jornada de seus pais no exílio, quer tomando ciência do passado de povos que reconhece como irmãos. A parceria multidisciplinar permite um alargamento das fronteiras do texto e das culturas que nele se hibridizam sob o abrigo teórico dos Estudos Culturais. Há diferentes fronteiras entre os povos da América luso-hispânica e os da África, a da língua inclusive — mas há também uma identidade no passado que nos une e nos torna irmãos, cúmplices de uma mesma jornada, pois, advindos da situação de colônia, de estado de exceção civis ou militares, temos uma cultura múltipla e rica que precisamos assumir em sua plenitude.

Palavras-chave: América luso-hispânica. África. Amazônia. Defesa. Fronteiras líquidas. Hibridismo cultural. Literatura. História.

THROUGH LITERARY CREVICES: THE HISTORICAL AND CULTURAL IDENTITY BETWEEN LUSO-HISPANIC AMERICA AND AFRICA

ABSTRACT

A reading of luso-hispanic America and Africa from the perspective of the native. The text of Ana Maria Machado's *Eyes on the Feathers* leads a voyage to the three regions which Miguel, the oneiric passenger of the narrative, visits in his quest for his identity — either following the long journey of his parents in exile or becoming aware of the past of peoples he recognises as kin. The multidisciplinary partnership allows for a broadening of the frontiers of the text and the cultures hybridised therein under the theoretical support of the Cultural Studies. There are different

* Mestrado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutorado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e Pós-Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Professora Associada IV da Universidade da Força Aérea e da Escola Superior de Guerra, consultora e orientadora pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) — Arquivo Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa. Contato: guinacel@gmail.com

borders amongst peoples of luso-hispanic America and Africa, linguistic, even – but also an identity in a past that binds and renders us brethren, accomplices on the same journey, for arising from colonial situation, civil or military dictatorships, we have a multiple and rich culture which we ought to take to its fullest.

Keywords: Luso-hispanic America. Africa. Liquid borders. Defense. Cultural hybridity. Literature. History.

POR LAS GRIETAS LITERARIAS: LA IDENTIDAD HISTORICO-CULTURAL DE LA AMÉRICA LUSO-HISPÁNICA Y DE ÁFRICA

RESUMEN

Una lectura de América luso-hispánica y África desde la perspectiva de los nativos. En el texto de *Ojo en las plumas*, de Ana María Machado, el viaje conduce a las tres regiones en las cuales Miguel, pasajero onírico de la narrativa, va en busca de su identidad -- sea tras el largo viaje de sus padres en el exilio, sea conociendo a los pueblos que reconoce como hermanos. La asociación multidisciplinaria permite un ensanche de los límites de texto y culturas que se hibridan en él bajo el abrigo teórico de los Estudios Culturales. Hay diferentes fronteras entre los pueblos de América luso-hispánica y África, incluyendo el lenguaje -- pero también hay una identidad en el pasado que nos une y nos hace hermanos, cómplices del mismo viaje, por venidos de la situación colonia, de dictaduras civiles o militares, que tienen una cultura diversa y rica que tenemos que tomar en su plenitud.

Palabras clave: Luso-Hispano América. África. Defensa. Amazon. Fronteras asienta. Híbridez cultural. Literatura. Historia.

1 INTRODUÇÃO

O livro *De olho nas penas*, de Ana Maria Machado, não é um livro para crianças. “Não. Não é. Este é um livro como a vida. Só é para crianças no começo”¹ (ZIRALDO, 1989, p. 30), depois a narrativa cabe para todas as faixas etárias, cada um faz, com a sua bagagem de vida, a sua história dessa leitura. Há sempre algo que a percepção infantil capta e o adulto deixa escapular ou, em outras palavras, a criança inicia o que o adulto termina. Fechando o ciclo? Ou começando? A criança e o adulto estão imbricados pelo próprio processo evolutivo e cíclico da vida.

1 Observação final de O menino quadrado, de Ziraldo que pode ser estendido para o texto de Ana Maria Machado. Os livros e a vida são espaços de convivência, de troca entre seres humanos de qualquer faixa etária. A apreensão é diferente: o pensamento infantil necessita da concretude para associar a nomeação ao objeto nomeado; o adulto, quando domina os signos básicos para comunicação, realiza a mesma associação através da abstração. Contato: guinacel@gmail.com

Miguel, menino de oito anos, viveu em vários países, tem dois pais, muitos avós, primos, primas, tias e tios. Vindo de uma família militante de esquerda, na época das guerrilhas da América Latina, o menino nasce no Chile, peregrina com sua família por Panamá, Bélgica, França, Portugal, Moçambique e, em função da Anistia (1979), vem viver no Brasil, terra de seus familiares. É um menino desenraizado, que busca sua identidade, em meio a pedaços de lembranças de oito anos de vida vivida por ele e de vida contada pelos pais, parentes e que encontra suas ascendências culturais em território onírico. Miguel dorme um dia na casa de uma das avós e, embalado pelo som do vento, pastor de lembranças, é carregado por um ser alado que se metamorfoseia de acordo com a cultura da região da qual é o narrador-cicerone: é uma viagem mundo afora, mundo adentro, “descobrimo” os segredos da América Latina, da África e, assim, da sua própria vida. Miguel identifica-se com a cultura e a história de cada uma dessas três regiões cujas fronteiras geográficas se liquefazem no passado parecido e na cultura que delas emanam e que delas se nutrem compondo uma cultura híbrida, múltipla nessas três regiões “buscadas” pelo menino e a ele apresentadas pelo Amigo, nome do ser que transmite a ele o passado remoto e atija a memória de Miguel para lembrar as agruras recentes dessas três regiões.

Este estudo entrelaça o itinerário de vida e de sonho da personagem Miguel sob a confluência da parceria da Literatura, da História, da Geografia e dos Estudos Culturais, portanto uma análise interdisciplinar que o livro oferece. Uma leitura aberta a esses saberes e a outros que o texto *De olho nas penas* e os que lhe são transversais suscite. Este texto se quer sem fronteiras de disciplinas, de culturas, de etnias porque conta a história de Miguel e do reconhecimento de sua identidade por meio da imaginação que o transporta para visitar regiões por onde passou no período de exílio de seus pais e/ou com as quais possui afinidades.

Neste ensaio, não há nenhum holofote sobre os estados de exceção passados pelos países visitados no sonho ou na realidade pelo menino. Do tempo pretérito, só se deseja destacar as semelhanças culturais que podem, no tempo presente, aproximar esses povos em termos de defesa, segurança, política, economia etc. Não se alimenta o presente com rancores passados de quaisquer lados. Conhecê-lo é necessário para a construção de nações fortes, unidas, capazes de defender sua soberania e sua liberdade. Não há lado, há posições diferentes irmanadas agora em prol de países que lutem contra a corrupção, que façam do velho chavão, tão usado pelos políticos, realidade: educação, saúde, emprego, tripé que concede condições para sociedades mais sadias, menos violentas, mais justas. De tudo fica um pouco que pode ser transformado como o faz Miguel em pleno voo onírico. Todos somos filhos da Terra, cidadãos do mundo:

E da gema amarela, redonda e brilhante nasceu o sol daquele dia. E Miguel sabia que o sol e a lua eram dele, que a noite e o dia eram dele, que as terras dos dois lados do mar eram dele com todos os seus

segredos, e que ele fazia parte também dos homens dos dois lados do mar com seus mistérios. Todos filhos do sol. (MACHADO, 1985, p. 56).

Esses três espaços — a terra das montanhas, a terra dos rios e a terra das savanas — que compõem o cenário geográfico do livro mostram a natureza física desenhando as regiões culturais que se distinguem:

[...] das regiões econômicas, urbanas ou políticas, embora nas regiões vernaculares haja superposição entre elas. Mas o foco da investigação é a cultura, a partir de um ou mais traços culturais — etnia, língua, religião, costumes, valores e práticas produtivas, entre outros. (CORRÊA, 2008, p. 14).

2 AS REGIÕES CULTURAIS: CARACTERÍSTICAS FÍSICAS, MATERIAIS E NÃO MATERIAIS

As regiões culturais, assim sendo, são identificadas com base na combinação de características físicas e culturais materiais e não materiais. As toponímias Cordilheira dos Andes, Bioma² da Amazônia e Bioma das Savanas constituem exemplos de marcas identitárias culturais talhadas pelo cinzel do espaço físico.

Essas três regiões culturais têm em comum um passado ultrajado pelo colonizador europeu que praticou genocídio contra os autóctones, impôs cultura da matriz ocidental e saqueou seus recursos naturais, como atesta Pierre Chaunu em relação à ambição ibérica em busca do ouro, do El-Dorado em território da América Latina:

Mais do que a paixão da aventura, e do que o zelo missionário, o motor da conquista foi a ânsia de lucro. Tal como Cristovão Colombo, os *conquistares* partiram em busca das montanhas de ouro que recuavam para os limites do horizonte e que, finalmente, os levaram até o fim do mundo. Agitando essa miragem que eles mesmos perseguiram, conseguiram atrair às fileiras das suas expedições os poucos milhares de homens vigorosos e rudes com os quais percorreram e conquistaram as “Índias”. Os índios, quer pelo desejo de agradar um senhor temido, quer pelo desejo de ver seguir para longe um hóspede incômodo, contribuíram para atirar o espanhol cada vez mais longe para o interior atrás do seu sonho: ouro asteca, ouro inca, miragens do Norte, miragens do Sul *Siete Ciudades* aqui, El-Dorado acolá [...]. (CHAUNU, 1971, p. 24-5).

2 Denominamos de Bioma apenas a terra dos rios (Amazônia) e a terra das savanas (África). Essas duas regiões estão enquadradas no conceito de bioma: uma associação mais ou menos homogênea de ecossistemas, ou seja, um sistema em que relevo, solo, clima, fauna e flora interagem entre si e formam grandes paisagens bióticas com tipos semelhantes de cobertura vegetal como: tundras, florestas temperadas, florestas tropicais, pradarias, savanas e desertos.

Muitos povos pré-colombianos foram extintos; outros, escravizados ou aculturados. Muito poucos conservam sua cultura e os que resistem vivem isolados, afastados dos centros. As culturas aborígenes, no entanto, deixaram vestígios nas sociedades miscigenadas resultantes desse encontro entre dominadores e dominados. Um exemplo de resistência é a presença de línguas nativas que são faladas ao lado da língua imposta pelo colonizador e, em alguns casos, dividem o status de língua oficial: guarani, no Paraguai; quéchua – idioma dos incas, falado por parte da população peruana, boliviana, colombiana e equatoriana; aimará – língua falada por mais de dois milhões e meio de pessoas da etnia aimará, principalmente no Peru, na Bolívia, no Chile e na Argentina.

Do aconchego da casa da avó, Miguel parte, embalado pela canção do vento “barulhando” feito flauta, pelo retumbar das trovoadas e alumiado pelo clarão do relâmpago, ele sonha pelas terras do sem fim que se emendam e irmanam umas às outras sem fronteiras delineando um perfil múltiplo identitário que, logo, o menino, conduzido por Amigo, reconhece como seu. E, no “chamego gostoso daquele colo”, macio e quentinho, Miguel foi fechando os olhos e deixando-se transportar para aqueles lugares que também eram seus, de seus irmãos e com os quais ele logo vai se identificar. E quando Amigo lhe inquire se não gostava das outras terras pelas quais passou, como “a terra dos homens de cabelos de mel”, Miguel retruca: “Mas acho que nestas terras que você está me mostrando estas histórias são minhas, a gente é mais parecida comigo. Como irmão. Vai ver, é isso, eu também sou filho do sol” (MACHADO, 198, p. 40-1). E é para a casa da avó, espaço da vida presente, que ele “retorna”, depois do sonho.

3 UMA VIAGEM SEM FRONTEIRAS

Com base na Política Nacional de Defesa (PND)³, Estado implica território, soberania, povo, leis e governo próprios e independência nas relações externas. Ao Estado cabe deter “o monopólio legítimo dos meios de coerção para fazer valer a lei e a ordem, estabelecidas democraticamente, provendo-lhes, também, a segurança”¹. No sonho de Miguel, esses parâmetros são diluídos. Ele é uma criança para quem as fronteiras são líquidas. Hoje, anos após a escritura do livro, as fronteiras físicas continuam a ser respeitadas, como não podiam deixar de ser. As culturais cada vez mais se misturam, paradoxalmente, no entanto, o cidadão almeja preservar sua cultura local que o torna diferente, sem perder a alteridade em relação ao outro, ao diferente.

3 BRASIL. Ministério da Defesa do Brasil. Política Nacional de Defesa. Brasília, 2005. Aprovada pelo Decreto nº 5.484, de 30 de junho de 2005; reeditada pelo Decreto Legislativo nº 373, de 26 de setembro de 2013. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 26 set. 2013. Seção 1, p. 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/publi_04/colecao/DEFES.htm>. Acesso em: 15 nov. 2014.

Esse sentido de cultura é cúmplice da defesa. O homem se autoconhece e conhece o outro por meio da cultura. Ao respeitar a cultura dos seus irmãos planetários, ele aproxima-se, identifica-se e cria “instrumentos” para se precaver de ataques de qualquer espécie. A cultura é uma das estratégias que pode ser usada na defesa: quer para conhecer o inimigo, quer para torná-lo aliado.

3.1 PELOS ANDES

Voltemos, então, à viagem de Miguel, se o menino, como sinaliza Wordsworth (2007) “é o pai do homem”, as viagens desse garoto refletem as nossas em busca de nossa identidade: seja pessoal, seja cultural.

O primeiro espaço sonhado por Miguel identifica-se com a região cultural em que se insere o seu local de nascimento, Chile, de onde saiu muito cedo na época da deposição de Salvador Allende. A terra das cadeias de montanhas, conhecida como Cordilheira dos Andes, situada na parte ocidental da América do Sul, é um exemplo de dobramento moderno que surge do encontro de placas tectônicas. Em função da altitude e da grande extensão no sentido dos meridianos, essa região exibe diferentes zonas climáticas, embora predomine o clima frio. O quadro botânico dos Andes varia de acordo com a altitude e, em sua fauna original, aparecem lhamas, alpacas, guanacos e vicunhas – mamíferos vinculados à família do camelo. O Monte Aconcágua; o Deserto de Atacama; o Lago Titicaca; os rios Magdalena, Cauca e Urubamba; as cidades pré-colombianas de Cuzco e Machu Picchu são paisagens destacadas localizadas no sítio geográfico da Cordilheira *Anti(s)*, em língua quéchua.

Miguel atravessa o céu no aconchego do colo de penas de uma ave natural da região, “um condor, talvez” (MACHADO, 1985, p. 19). Lá, o anfitrião é o Amigo, que, de forma epifânica, como um deus, “brilhava muito. Parecia coberto de ouro. Refletia os raios de sol com toda força” (MACHADO, 1985, p. 21). Amigo surgia como os povos pré-colombianos que por essa terra viviam antes da chegada dos espanhóis: a pele era cor de cobre, e todos os seus adereços eram de ouro. O ser de cor avermelhada narra o que se passou com a sua gente. É a história contada pelo lado do vencido:

Quando os cavaleiros chegaram, em suas armaduras e montarias, suas armas que vomitaram raios, e despejaram trovões, também ficaram achando que tudo era de ouro. Até andaram chamando alguns lugares de El-Dorado. E para matar a sede de ouro que eles tinham, fizeram a terra beber nosso sangue. E para diminuir a febre de ouro que sentiam, nos queimaram no fogo de suas armas. Até que só ficamos com o sol e os segredos da terra. As riquezas, eles carregaram. (MACHADO, 1985, p. 23).

Miguel, ao assistir às ruindades feitas pelo europeu ibérico aos nativos, quer tomar posição, ajudar seus irmãos; o Amigo, no entanto, adverte “se segure firme

e fique quieto porque não vai poder se meter em nada do que a gente vai ver”, (MACHADO, 1985, p. 26). O passado está pronto, não pode ser modificado, porém pode nos acautelar para que o indesejável (violência, matança, roubo) não volte a acontecer. O passado presentifica-se quando evita sua própria repetição: que não se tenha mais pena do mundo.

Ana Maria Machado, autora do livro *De olhos nas penas*, mira as penas do condor, de Quetzal⁴, da Serpente de Plumas:

[...] de papo cor de fogo, das asas e da cauda cor de esmeralda com reflexos dourados. As penas dele eram usadas nos enfeites mais sagrados, mas ninguém matava Quetzal. É pássaro da liberdade. Não se pode prender. Voa com a cauda ondulante, longa e leve. E o canto dele é parecido com o jeito dele voar. Ondulante. Como uma serpente. Uma serpente de asas. Um assovio ondulante no meio da floresta. (MACHADO, 1985, p. 30).

Contempla também as penas de seres que ganham penas para formar asas e transportar Miguel; olha as penas daqueles que viram sua cultura, em parte, sucumbir pela ambição de colonizadores, os quais não respeitavam fronteiras físicas nem culturais. Ana emprega no discurso literário a teoria pós-colonialista, deixa falar a voz embargada, tantas vezes silenciada.

O pós-colonialismo, que emana dos Estudos Culturais e a ele se imbrica, pontua os caminhos deste estudo pela voz do Amigo e de Miguel, que descolonizam a imaginação. A independência política de determinada colônia inicia o período pós-colonial, porém nem sempre o desgarro da matriz exploradora significa a liberdade. Tantas vezes a história nos mostra que ocorre apenas uma troca de tutela. A palavra do oprimido só vem à tona depois de certo tempo, variável em decorrência do próprio processo de descolonização ou, no caso dos povos pré-colombianos, esse período é desvelado por estudiosos que vão à procura de fontes que propiciem uma reconstrução da história pela ótica do vencido. Na agenda de investigação dos pós-colonialistas, não podem contar apenas a transformação social e o combate à opressão. Trata-se, portanto, não apenas de deixar fluir a voz ao oprimido, mas, como definem Pieterse e Parekh (1995, p. 12):

[...] uma descolonização da imaginação o que acarreta uma crítica que não é simplesmente anticolonialista, uma vez que, historicamente, o

4 Deus do vento, herói cultural, inventor da escrita, ligado permanecia no pensamento mítico religioso dos mexicanos. De todas as personalidades divinas conhecidas desde a alta Antiguidade clássica, era a de Quetzalcoatl que havia sofrido as mais profundas transformações. A Serpente de Plumas não mais simbolizava as forças telúricas e a abundância da vegetação. Deus do planeta Vênus, simultaneamente Estrela da Manhã e Estrela da Noite, ele correspondia, com seu gêmeo Xolotl (deus-cão), à noção de morte e ressurreição. (SOUSTELLE, 1972, p. 79).

combate ao colonialismo aconteceu ainda no marco epistemológico colonial, por meio da reificação e de cristalização da suposta diferença do colonizado em construções nativistas e nacionalistas. O pós-colonialismo deve promover precisamente a desconstrução desses essencialismos, dissolvendo as fronteiras culturais herdadas tanto pelo colonialismo como pelas lutas anticoloniais. (PIETERSE; PAREKH, 1995, p. 12. Tradução nossa).

Neste estudo, deixamos que dialoguem falares da escritora, do teórico e do nativo, cantares sobre a conquista por *cuicapicque*, poetas *nahuas* e sobreviventes. *Icnocuicatl*, canto triste ou elegia, provém da coleção de *Cantares mexicanos* e, provavelmente, foi composto até o ano de 1523, segundo Léon Portilla (1985, p. 147-148). O poema mostra a reação do aborígine ao contemplar a destruição da vida de seu povo:

Os últimos dias do sítio de Tenochtitlan

E tudo isso se passou conosco.
Nós o vimos,
nós o admiramos
Com esta lamentosa e triste sorte
nos vimos angustiados.

Nos caminhos jazem dardos rotos,
os cabelos estão espalhados.
Destelhadas estão as casas,
ensanguentados têm seus muros

Vermes pululam pelas ruas e praças,
E as paredes estão salpicadas de [miolos.
Vermelhas estão as águas, estão como [que
tingidas,
e quando as bebemos,
é como se bebêssemos água de salitre.

(In: LÉON-PORTILLA, 1987, p. 148)

3.2 NA TERRA DOS RIOS

Movido pelo cronômetro da imaginação e guiado por Amigo, Miguel continua a viagem, sem fronteiras, já que as fronteiras são impostas pelo colonizador. O menino sente calor e umidade, escuta o vozerio dos insetos, o gorjeio de pássaros, o farfalhar de folhas, o barulho das frutas caindo no chão. Miguel é recebido por um homem alto, todo enfeitado de penas coloridas e com o corpo pintado, parecia um pássaro humano. É o Amigo ou a Ave de olho nas penas, agora vestido de acordo com os povos que habitavam a terra dos rios e da floresta tropical, bioma que aparece em regiões de baixas latitudes, marcadas por climas quentes e elevada pluviosidade. A floresta tropical⁵ é heterogênea, higrófila, latifoliada e exibe grande biodiversidade. Um exemplo desse tipo de floresta é a Amazônica, cortada e recortada pela bacia

5 Seus exemplos mais expressivos são encontrados na Amazônia (América do Sul), na Bacia do Congo e no Golfo da Guiné (África), na Indonésia e na Malásia (Ásia).

hidrográfica homônima — com sua teia de afluentes e subafluentes — um rio largo, extenso e de grande volume de água que, oriundo dos Andes, atravessa uma área plana e de baixa altitude rumo a sua desembocadura no Atlântico. Amazônia: região nossa, mas também partilhada por Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Equador, Suriname, Guiana e Guiana Francesa.

Na terra dos rios, o cenário “é diferente e parecido com quem mora nas montanhas, assim como se fosse irmão”. O povo dessa terra também sofreu com a chegada da gente do outro lado do mar, que também levou todos os tesouros, que “eram diferentes, mas o jeito de acontecer foi muito parecido. Sempre assim. Diferente e parecido. Como irmãos. Todos filhos do sol” (MACHADO, 1985, p. 30), exclamou Quivira, nome que Miguel atribuíra para Amigo na terra da floresta, pois percebera que ele virava gente, pássaro, assovio de flauta, colo de anjo, povo antigo, amigo novo, virava tudo. “E vira também as ideias que a gente tem na cabeça, pensando que estão arrumadinhas, vira tudo de perna para o ar” (MACHADO, 1985, p. 37).

E as descobertas continuavam. O menino descobriu que, ao se banhar na água do rio, virava muitos seres diferentes que lhes confiavam a sua história ou a de seu povo. E não queria mais sair daquele lugar. Numa dessas transformações, Miguel conheceu um espírito que fazia bonequinhos de tabatinga, aquele barro gostoso de brincar na beira do rio. Nesse episódio, há uma alusão comparativa ao nascimento bíblico do homem “feito” por Deus e à criação do homem elaborada pelo espírito das florestas e dos rios. Na versão do Gênesis:

No tempo em que o Senhor Deus fez a terra e os céus, não existia ainda sobre a terra nenhum arbusto nos campos, e nenhuma erva havia ainda brotado nos campos, porque o Senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia homem que a cultivasse; mas subia da terra um vapor que regava toda a sua superfície. O Senhor Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe no rosto um sopro de vida e o homem se tornou um ser vivente. (*Livro do Gênesis*, 2, 4-7).

Em *De olho nas penas*, a versão é bem-humorada e alude às matrizes étnicas formadoras do povo brasileiro:

E os bonequinhos tinham corpo de homem e corpo de mulher. Ia fazendo e botando no forno para secar. Primeiro, ficou muito impaciente, não aguentou esperar muito tempo para ver o resultado do seu trabalho. Tirou logo os bonecos do forno e eles ainda não estavam prontos, eram ainda muito desbotados, branquelos. Viraram gente e saíram pelo mundo, os homens brancos. Aí, para isso não acontecer de novo, o espírito resolveu dar bastante tempo para aquela gente ficar pronta. Acabou deixando assar demais: a fornada ficou inteirinha de bonequinhos negros que saíram também pelo mundo. Da terceira

vez, o espírito tinha aprendido o tempo que queria esperar e prestou bastante atenção. Na hora certa, quando os bonequinhos de barro saíram do forno, estavam como ele queria: vermelhinhos, corados, na cor da terra. Aí viraram índios de todas as nações e saíram por aí, povoando a terra dos rios e das florestas. (MACHADO, 1985, 39-40).

3.3 NA TERRA DAS SAVANAS

Com a imagem refletida nas águas do rio, Miguel subiu num galho, sentiu-se leve, virando nuvem, evaporando, e logo o vento estava soprando a nuvem-Miguel para o outro lado do rio, na terra das savanas. “A paisagem era uma espécie de vegetação rala, havia uns tufos de arvoredo mais espessos; algumas árvores mais altas” (MACHADO, 1985, p. 47). Estava no bioma das savanas, composto por formações arbustivas e herbáceas, típicas de clima tropical, com duas estações: verão chuvoso e inverno seco, daí a vegetação ser formada por espécies tropófilas, adaptadas à alternância estio/umidade. Esse bioma ocorre entre as regiões de floresta tropical, como a do Congo, e a do deserto, tal qual o Saara, ambas na terra das savanas, África. Na terra de elefantes, gazelas, gnus, búfalos, javalis, Miguel confundiu Amigo com Ananse, uma aranha faladeira, cheia de histórias para contar ao povo. Ela havia tecido um fio enorme para subir ao céu e buscar uma cabaça abarrotada de narrativas pertencentes, naquela época, só aos deuses. Depois de muitas provas, consegui a cabaça, mas essa caiu e quebrou quando ela descia do céu pelas escadas de teia. As histórias espalharam-se e cada uma ganhou muitas versões.

Depois da narrativa da aranha, o menino encontrou Amigo sob a forma de leopardo. O menino lembrou jaguar que fez Ananse recordar da história do lagarto, primo do passarinho Nchapi. E o fio tece mais uma história que corrobora a ideia das semelhanças nas diferenças, na irmandade entre os povos. Lá, também, os homens cor da noite sofreram na mão do colonizador que atracavam o navio e, com correntes e chicotes, carregavam “o povo todo para bem longe, para trabalhar a vida toda de graça construindo a riqueza dos homens que já tinham tomado as terras do homem de fogo lá do outro lado do mar”. (MACHADO, 1985, p. 52). Miguel já conhecia essa terra e essa história igual, parecida, de irmãos, de primos que sofrem pela ambição de outros homens que não parecem irmãos, parentes. Homens, para os quais os espaços são territórios separados, ignoram que eles escoam de um canto para outro.

A fruição das três fronteiras líquidas onírico-literárias:

Como é que uma rocha podia fabricar água? A água devia vir de muito longe, passando por dentro da terra, talvez descendo desde o alto das montanhas nevadas quando o sol derretia o gelo, não dava para Miguel saber de onde. Mas dava para entender que vinha de longe, filtrada pela

terra, e era limpa e pura por causa disso. Dos lados daquele fio d'água, a pedra era verde, do musgo que aproveitava a umidade e crescia. Perto de onde a água caía, nasciam muitas plantas. Depois, a água ia procurando seu caminho no terreno que descia, fazendo curva para um lado e para outro, ficando um riozinho mais largo. Na certa ia encontrar outro mais adiante, e mais outro, e iam se juntar, formar outro maior, continuar assim até chegar ao mar. (MACHADO, 1985, p. 24).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A água do alto da cordilheira nevada, Andes, terra das montanhas, procura seu curso, curso de rio, que começava pequeno com o nome de rio Apurímac, no alto da parte ocidental da Cordilheira dos Andes, ao longo de seu percurso recebe outros nomes – Carhuasanta, Lloqueta, Apurímac, Rio Ene, Rio Tambo, Ucayali até chegar ao Brasil como rio Solimões, juntar-se ao rio Negro e seguir mata afora, mata adentro como o rio Amazonas e derramar-se no Oceano Atlântico e, com ele, seguir para a África, terra das savanas. Tudo diferente. Tudo igual. Todos são irmãos, primos, vizinhos. Territórios e povos cujo passado parecido junta suas histórias, compondo um mapa multicultural. É esse o recado que a ave de olho nas penas do mundo desvela para Miguel.

Por dentro da cultura desses povos, os fios constroem uma cerca com a qual esses povos encontram identidade, evitam conflitos e criam uma rede imaginária de defesa. Povos irmãos dialogam, desfazem as desavenças, defendem-se mutuamente.

REFERÊNCIAS

BERNAND, Carmen. Imperialismos ibéricos. In: FERRO, Marc. (Org.). *O livro negro do colonialismo*. Trad. de Joana Angélica D'Ávila. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 155-201.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Livro de Gênesis 2, 4-7. Tradução: João Ferreira de Almeida. Ed. rev. e corrig. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1990.

CHAUNU, Pierre. *História da América Latina*. Trad. De Miguel Urbano Rodrigues. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1971. (Col. Saber Atual).

CORRÊA, Roberto Lobato. Região cultural — um tema fundamental. In: ROSENDAHL Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Espaço e Cultura: pluralidade temática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 11- 43.

FERRO, Marc. (Org.). *O livro negro do colonialismo*. Trad. de Joana Angélica D'Ávila. Rio de Janeiro. Ediouro, 2004.

LÉON-PORTILLA, Miguel. *A visão dos vencidos: a tragédia da conquista narrada pelos astecas*. Trad. de Carlos Urbin e Jacques Wainberg. Porto Alegre (RS): L&PM, 1987.

MACHADO, Ana Maria. *De olho nas penas*. 15. ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1985.

MATELLART, Armand; NEVEU, Érik. *Introdução aos estudos culturais*. Trad. de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

NDIAYE, Pap. O extermínio dos índios da América do Norte. In: FERRO, Marc. (Org.). *O livro negro do colonialismo*. Trad. de Joana Angélica D'Ávila. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 61-77.

PINTO, Ziraldo Alves. *O menino quadrado*. São Paulo: Melhoramentos, 1989.

PIETERSE, Jan N.; PAREKH, Bhiku. Shifting imaginaries: decolonization, internal decolonization, postcoloniality i: PIETERSE, Jan N.; PAREKH, Bhiku (Org.). *The decolonization of imagination: culture, knowledge and power*. Londres/Nova Jersey: Zed Books, 1995. p. 1-20.

RESENDE, Beatriz. *Apontamentos da crítica cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

SOUSTELLE, Jacques. *Os astecas*. Trad. de Luiz Carlos Roque da Silva. São Paulo: DIFEL, 1972. (Col. Saber Atual)

WORDSWORTH, William. *O olho imóvel pela força da harmonia*. Tradução de Alberto Marsicano e apresentação de John Milton. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007. (Primeira edição de 18?)